N.º 28

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

Fundada, sob a angélica inspiração de CLOTILDE DE VAUX, por AUGUSTO COMTE.

O Amor por princípio, e a Órdem por baze;
O Progrésso por fim.

Viver ás claras. *Viver para ôutrem.* *Órdem e Progrésso.*

—o—

SACRAMENTO DA APREZENTAÇÃO

DISCURSO CONSECRATÓRIO

POR

MIGUEL LEMOS

SEGUNDA EDIÇÃO

TEMPLO DA HUMANIDADE
74, Rua Benjamin Constant, 74
SÉDE CENTRAL DA IGREJA POZITIVISTA DO BRAZIL
RIO DE JANEIRO
146 — 1934.

Sobre a ortografia uzada nésta segunda edição, veja-se o opúsculo *Nórmas ortográficas*, por Miguel Lemos. No mais éla é inteiramente idêntica à primeira.

Na séde da Igreja Pozitivista do Brazil (Templo da Humanidade — Rua Benjamin Constant, 74) ha conferências públicas todos os domingos, ao meio dia, e nas seguintes datas: 1 e 19 de Janeiro, 5 e 21 de Abril 3, 4 e 13 de Maio, 14 de Julho, 15 de Agosto, 5 e 7 de Setembro, 8 (7 nos anos bissestos) e 12 de Outubro 15 de Novembro, 30 (nos anos bissestos) e 31 de Dezembro.

SACRAMENTO DA APREZENTAÇÃO

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

VIVER PARA ÔUTREM VIVER ÀS CLARAS

SACRAMENTO DA APREZENTAÇÃO

DISCURSO CONSECRATÓRIO

POR

MIGUEL LEMOS

Prezidente do Centro Pozitivista

RIO DE JANEIRO

NA SÉDE DO CENTRO POZITIVISTA

7 Travéssa do Ouvidor 7

—

97 (1885)

CENTRO POZITIVISTA

7 TRAVÉSSA DO OUVIDOR 7

FIM

O Centro Pozitivista tem por fim propagar a Religião da Humanidade, fundada por Augusto Comte, pela ação oral e escrita, e pelo ezemplo.

BAZE MORAL

Todos os membros do Centro Pozitivista e das sociedades filiais, acêitão, sem restrição alguma, o conjunto dos deveres pozitivos e negativos prescritos pela sua religião. — Tômão todos o compromisso solene de conduzir-se de acordo com suas opiniões e de consagrar toda a sua atividade e todo o seu devotamento à *incorporação do proletariado na sociedade modérna*, rezumo atual de toda a ação pozitivista.

De um módo mais especial, comprométem-se:

1.º A não possuir escravos, qualquér que seja a fórma désta pósse monstruóza.

2.º A não ocupar cargos políticos, durante a faze empírica da tranzição, segundo foi definida por Augusto Comte.

3.º A não ezercer funções acadêmicas, quér no ensino de nóssas faculdades e escólas superiores, colégio de Pedro II e estabelecimentos congêneres, quér como membros de associações sientíficas ou literárias.

4.º A não colaborar no jornalismo, diário ou não, nem auferir lucros pecuniários de seus escritos.

5.º A assinar com o seu nome, ajuntando a este as indicações necessárias, * todas as suas publicações, cuja inteira responsabilidade moral e legal deverão assumir.

BAZE MATERIAL

A ezistência material do Centro Pozitivista assenta no livre concurso pecuniario de seus membros e de todas as pessoas que, sem aderir inteiramente às nóssas crenças, júlgão contudo dever aussiliar os nóssos esfórços regeneradores. — Não ha quóta determinada, podendo cada qual concorrer na medida de seus dezejos e de suas pósses.

---

* "Il faut d'abord supprimer toute entrave aux communications écrites en réduisant la police de la presse, même affichée, à l'obligation de tout signer completée par l'exacte indication du domicile de chaque auteur, avec la date et le lieu de sa naissance."

ADVERTÊNCIA

Este discurso foi proferido na ceremônia respetiva, efetuada a 11 de Arquimédes de 97 (5 de Abril de 1885).

Publico-o agóra tendo em vista três motivos principais: 1.º Comemorar a solenidade que o determinou; 2.º Ajuntar mais um esforço aos que já temos empregado na propaganda de nóssa doutrina; 3.º Porque ha nele algumas instruções que pódem ser de proveito para os nóssos confrades.

E' désnecessário declarar que tudo quanto alí esponho na parte dogmática, é tirado das óbras de Augusto Comte, por vezes testual ou quazi testualmente. Não fazemos praça de originalidade, mas de fidelidade, mesmo porque a primeira é muito mais rara do que geralmente prezume o vulgo literário. Por isso julguei escuzado indicar todos os lugares que traslado ou rezumo: a fazê-lo teria que repetir o nome de Augusto Comte, pelo menos, a cada período.

Só ha aqui uma couza nóva, e ésta de pouca monta em si, mas de alguma utilidade para a clareza e precizão da linguágem filozófica portugueza, cuja nóva faze de renovação sientífica apenas começa. Refiro-me à introdução da palavra sientista para significar o que os franczezes designão pelo substantivo savant, isto é, o cultor especialista das siências pozitivas, que nós impropriamente costumamos, traduzindo mal o termo francês,

chamar sábio. *Entretanto, ésta distinção é importantissima para a história intelectual e social de nóssa espécie. O neologismo que proponho, inspirado pela língua ingleza onde já existe* scientist, *não destôa da indole da nóssa e da que lhe foi raís; antes paréce vir de mólde, e é análoga a muitas outras palavras nóssas, entre as quais citarei sómente o substantivo* artista, *porque fórma com o novo vocábulo um par correlativo.*

No mais, e como sempre, repetirei com a IMITAÇÃO DE CRISTO, *substituindo apenas Deus pela Humanidade*:

Deixa as couzas vans para os vãos; tu porém aplica-te aquélas que a Humanidade te ordenou *.

MIGUEL LEMOS.

N. em Niterói a 25 de Novembro de 1854.

Rua de Santa Izabel n. 6.

* Dimitte vana vanis, tu autem "intende illis quæ tibi præcepit Humanitas."

SUMÁRIO DO DISCURSO

ESPLICAÇÃO PRÉVIA — Razões pelas quais o orador continúa a conferir os sacramentos mais uzuais, apezar de não se achar revestido do caráter sacerdotal.

TEORIA POZITIVA DA RELIGIÃO — Definição — História — Divizão — O Culto — O Dógma — O Regímen — O Sacerdócio — A construção religióza de Augusto Comte — Digressão ácerca da terceira crize porque está atravessando o Pozitivismo neste momento.

O CULTO DOMÉSTICO — Culto coletivo da família — Os sacramentos em geral — Os sacramentos no Pozitivismo — Comparação com os sacramentos católicos — Deveres dos pais e padrinhos, rezumidos no princípio da subordinação constante da vida privada à vida pública — Os padrinhos — Os prenomes.

APRECIAÇÃO DOS PATRONOS DA CRIANÇA — S. Cipriano — Godofredo de Bouillon — Dr. Cipriano de Carvalho.

CONCLUZÃO.

EM NOME DA HUMANIDADE!

O AMOR POR PRINCÍPIO,
E A ÓRDEM POR BAZE;
O PROGRÉSSO POR FIM.

SACRAMENTO DA APREZENTAÇÃO

DISCURSO CONSECRATÓRIO

Meus cáros confrades

Devo antes de tudo esplicar os motivos que determinão a minha prezidência nésta cerimônia.

O conferir os sacramentos de nóssa religião pertence naturalmente ao sacerdócio. Só ele é que se acha investido da necessária competência para consagrar em nome da Humanidade.

Porém a mórte prematura do nósso egrégio Fundador obstou à formação oportuna de um núcleo capás de tomar sobre si a missão espiritual; e, após éssa mórte eternamente deplorável, nenhum dos seus dicípulos conseguiu reunir em si o complexo dos raros e difíceis predicados que o Pozitivismo ezige dos seus órgãos teóricos. De módo que até o dia de hoje foi Augusto Comte o primeiro e único padre da Religião da Humanidade.

Para uma situação tão cheia de perigos e inconvenientes, Augusto Comte nos traçou uma nórma de conduta; disse-nos que néssa hipóteze seria preferível que a nóssa doutrina se dezenvolvesse pelos livres esfôrços de seus dígnos dicípulos a reconhecer um chéfe insuficiente.

Por desgraça nóssa, este preceito ficou esquecido durante muito tempo e à sombra de sua infração ergueu-se uma personalidade manca, que, arrimando-se a sofismas capciózos e a aparências iluzórias, teve a ouzadia de chamar-se sucessor do Méstre.

Esta tentativa destinada a cair em bréve, sob o peso do desprezo e da indignação de todos quantos sá-

bem respeitar a herança dos grandes hômens, conseguiu iludir a muitos.

Nós fomos tambem deste número.

Com efeito, sabe-se que a organização do nósso Centro Brazileiro e o início da propaganda pozitivista no Brazil, fês-se sob os auspícios do erudito a que ha pouco me referi, por nós reconhecido, livre e espontaneamente, como chéfe supremo.

Não cabe aqui a espozição dos fatos, aliás já esplicados mais de uma vês, que tirando-nos deste funesto engano, nos troussérão definitivamente ao verdadeiro caminho traçado por Augusto Comte, abandonado e adrede obscurecido pelo seu falso continuador.

A verdade é que a situação atual do Pozitivismo no mundo é a seguinte: Ezístem aqui e alí, em França, na Inglatérra, na Suécia, nos Estados Unidos, no Chile, no México, na Índia e no Brazil, um cérto número de discípulos, esparsos, sem organização, ou reunidos em torno de um indivíduo preponderante, livremente aceito como guia e diretor do grupo.

Em nenhuma parte, porém, eziste um sacerdóte pozitivista. A classe espiritual do Pozitivismo compõe-se atualmente de simples apóstolos, espontaneamente surgidos, mais ou menos próssimos do tipo sacerdotal.

E' néstas circunstâncias, com ésta enorme lacuna que o Pozitivismo está-se dezenvolvendo no mundo. E' néstas condições de independência de ação e de auzência de um sacerdócio, propriamente dito, que nós os pozitivistas brazileiros nos achamos.

Enquanto a mistificação lafitista nos teve obsecados, todos os nóssos atos e a nóssa propaganda decorrião daquéla autoridade por nós acatada. Depois, porém, que nos libertamos desse jugo corruptor, a nóssa responsabilidade tornou-se diréta; aumentou, portanto, e sobretudo a do vósso chéfe.

Até então falava ele sempre com uma investidura que de boa fé julgavamos eficiente, e, por este módo, acreditavamos neutralizar até cérto ponto a inópia do funcionário, quando comparado com a grandeza e dificuldade da missão de que se incumbira.

Hoje, porém, ele só póde invocar a confiança que nele depozitão aqueles que continúão a reconhecê-lo como chéfe, sob o impulso do sentimento indestrutível de que é necessário um órgão, tão digno quanto ser

póssa, para esprimir o pensamento coletivo e dirigir a ação comum.

Mas ésta prezidência só póde legitimar-se mediante uma submissão completa e uma fidelidade inteira ao Méstre e à Doutrina.

Tal investidura subjetiva eu ouzo invocá-la neste momento solene e pedir-lhe a autoridade que naturalmente me faléce para falar em nome do Grande Ente.

Assim, pois, eu não sou sinão um simples apóstolo, colocado pela confiança dos meus correligionários brazileiros à frente da propaganda de nóssa doutrina e da gerência da nóssa nacente igreja nésta parte do Ocidente.

Não é, portanto, como sacerdóte que vou conferir um dos nóssos sacramentos, mas entendi, e comigo entendêrão os nóssos confrades, que não deviamos adiar indefinidamente ésta parte importantíssima de nóssa vida religióza, até que víssemos surgir o sucessor de Augusto Comte. Não éra possivel interromper uma prática já encetada e que constitúi uma das condições capitais do nósso dezenvolvimento. Aliás, este aspéto, está necessariamente compreendido tambem, com os outros, na recomendação que o Méstre nos deixou para o cazo de morrer sem ter achado um sucessor, a qual foi lembrada ha um momento.

Os primeiros sacramentos conferidos depois da fundação do Pozitivismo, o fôrão pelo próprio Fundador. Após a sua mórte, o seu pretenso herdeiro espiritual, ao tomar pósse da direção provizória que por infelicidade lhe foi entrégue, declarou que, apezar de ser isso atribuição normal do sacerdócio, convinha não interromper similhantes consagrações. Por delegação dele, aqui e em outros paízes se inaugurou ésta prática. O Sr. Congréve, chéfe da igreja pozitivista de Londres, ha longos anos que a mantém e continúa.

Não fazemos, por conseguinte, sinão perseverar por conta própria em um caminho já trilhado, si bem que em outras condições: mais modéstas, porque só podemos falar com uma autoridade imperfeita e limitada; mais auspiciózas, porque, livres de um laço prejudicial, invocamos diretamente a assistência subjetiva do nósso Méstre.

Assim, pois, ezercendo ecepcionalmente uma função que no estado normal da sociedade me não competiria, constitúo-me aqui órgão dos meus correligionários para

receber de alguns deles compromissos solenes, contraídos em nome de nóssa fé e atestados por todos os prezentes.

O caráter incompléto do funcionário em nada póde diminuir os efeitos morais e sociais de similhante ato. Si o compromisso tomado perante nós mesmos, obriga e modifica, por maioria de razão, aquele tomado perante um órgão livremente aceito, sob a invocação de uma crença comum, e à face de um concurso de testemunhas.

O valor, pois, deste ato em nada míngua, quanto às suas consequências, pelas circunstâncias ecepcionais que acabo de esplicar.

Façamos vótos para que a necessidade de similhante anomalia césse quanto antes pelo advento de um sacerdócio, o que impórta reconhecer que devemos redobrar de esfórços no apostolado e na prática de nóssa religião, porque só assim apressaremos o preenchimento déssa primeira condição da reórma social.

Dadas éstas esplicações preliminares entrarei agóra no argumento désta alocução.

*
* *

A religião é a coordenação de toda a ezistência humana, quér individual, quér coletiva. Tem por fim *congregar* os hômens e estabelecer um laço intérno, de módo a *regular* cada indivíduo. Em palavras do Méstre: a religião indica o estado de completa *unidade* do indivíduo e da sociedade, quando todos os aspétos daquele e désta, tanto morais como físicos, convérgem habitualmente para um destino comum. Éla abrange necessariamente não só o governo do *sentimento,* mas o da *inteligência* e o da *atividade,* tríplice aspéto de nóssa natureza pessoal e social, que éla combina sob a prezidência do primeiro.

Similhante coordenação fás-se sempre em torno de outra ezistência superior, que é o centro do sistema e à qual tudo se refére. A vida humana rezume-se assim em *amar, conhecer* e *servir* esse Ser Supremo de que nos constituimos adoradores.

Tal é a significação pozitiva da palavra *religião,* no que éla tem de essencial e abstraindo das divérsas fórmas a que esteve ligada no decurso da evolução histórica.

Éstas várias fórmas, porém, desde o fetichismo primitivo até o monoteísmo católico, tivérão esse fim comum que apontei. Os meios é que fôrão diferentes conforme a condição de tempo e de lugar.

Todas éstas diversidades são regidas pela grande lei descobérta por Augusto Comte, e segundo a qual todas as nóssas concepções pássão por três estados diferentes, fictício, ontológico e pozitivo. De módo que a religião, que é propriamente o rezumo da vida humana, a tal ponto que a sua história condensa a da nóssa espécie, percorreu tambem éstas fazes fundamentais.

Às religiões fundadas em crenças teológicas, seguírão-se as coordenações bastardas e incoerentes da metafízica, até chegarmos enfin, graças à evolução sientífica, à religião definitiva.

Segue-se daí que éssas síntezes anteriores, fôrão todas oportunas, porque correspondião às necessidades de cada época, preparando, por meio de tutores fictícios e de crenças provizórias, o advento final do reino da Humanidade.

Daí tambem o respeito e a gratidão com que devemos olhar para o conjunto do Passado que éssas fés reprezêntão e que plantou o gérmen de tudo quanto veiu depois a frutificar e que hoje colhemos.

A religião, disse eu, institúi, dirige e mantém a coordenação dos três aspétos de nóssa natureza individual e coletiva, sob o predomínio de um deles, o sentimento. Désta triplicidade e désta precedência do elemento afetivo decórrem naturalmente a divizão do domínio religiozo em *culto, dógma* e *regimen* e a supremacia normal do primeiro que de tal módo paréce rezumir em si a religião, que as duas palavras se tornárão como que sinônimas.

De fato, como já disse, *amar, conhecer* e *servir* a Suprema Ezistência, tal é a fórmula que condensa a vida religióza. Aplicada a uma Providência fictícia, nas fés provizórias, éla adapta-se, finalmente, hoje, ao verdadeiro Ser Supremo, revelado pela siência.

*
* *

O culto dirige-se ao sentimento. Idealizando o dógma, tem ele por fim promover eficásmente a cultura

de nóssa multíplice natureza, afim de nos preparar do milhór módo para a prática do bem.

O seu objéto é a Humanidade considerada, quér no seu milhór reprezentante atual (a mulhér), quêr nos seus órgãos etérnos (os grandes hômens), quér nas suas divérsas fazes anteriores e nas funções normais que ezige a sua atividade complicada.

O culto divide-se assim em privado e público e aquele em íntimo e doméstico, formando assim uma escala de três graus sucessivos.

O culto íntimo caratériza-se pela *oração,* que não é mais um pedido egoista a um ente caprichozo, mas o ezercício dos órgãos altruistas na adoração e comemoração dos entes amados, principalmente de nóssas mãis.

O culto doméstico é caraterizado sobretudo pelos *sacramentos,* de que falarei mais detidamente daqui ha pouco.

Finalmente o culto público é constituido pelas grandes espansões coletivas, em que as emoções multiplicadas pelo contágio, aínda recébem a ezaltação incomparável transmitida pelo concurso esplendorozo das manifestações artísticas. A arte nele se reincorpóra para regenerar-se e rehaver a inspiração ezausta.

*
* *

O dógma refére-se à inteligência. Tem por fim o conhecimento sistemático da realidade para daí se deduzir o governo de nós mesmos e a modificação do planeta. Estudando a órdem universal, ele fornece-nos a baze de toda a nóssa ação, revelando-nos por fim o verdadeiro Ente Supremo. Em uma palavra, o dógma é a siência, como conhecimento da Humanidade.

Tem ésta por séde material a Térra, etérnamente ligada aos seus destinos. Conhecer a Térra é, pois, o primeiro esforço do dógma que neste estudo percórre sucessivamente os divérsos graus marcados pela *Matemática,* preâmbulo fundamental; pela *Astronomia,* em que se considéra a Térra como parte integrante do nósso sistema planetário; pela *Fízica* propriamente dita, em que se estúdão as propriedades gerais e permanentes dos córpos; pela *Química,* em que se investígão as leis de compozição e decompozição das substâncias. Em seguida o dógma penétra pela *Biologia,* na órdem vital, estudando a série dos seres vivos desde a planta até o hômem, termo mais complicado da escala viva.

Simples preâmbulo do estudo do hômem, à Biologia segue-se o estudo da órdem humana, pela *Sociologia* e *Moral,* a primeira estudando os fenômenos estáticos e dinâmicos que aprezenta a ezistência coletiva, a última, encarando o hômem assim modificado pelo concurso de todos os agentes fízicos e sociais, constrói a teoria pozitiva da natureza humana (moral teórica) e dedús as régras para o governo do hômem (moral prática), isto é, dirige a educação, no significado mais lato deste vocábulo.

Aqui a siência confundindo-se com a arte, chega ao remate do saber humano.

Os séte graus da série enciclopédica que acabamos de enunciar, não são sinão o desdobramento analítico de um estudo único: o conhecimento da Humanidade.

Com efeito, este conhecimento supõe a elaboração de todas as siências pozitivas, pois o objéto déstas não é outro sinão o conjunto de propriedades, fízicas, sociais e morais que caratérizão a Suprema Ezistência.

Não é aqui ocazião de mostrar a importância e o papel désta gerarquia sientífica, cuja descobérta é aínda devida ao gênio do nósso Méstre. Direi apenas que éla fornéce lógo um plano de instrução pública universal, como nunca foi visto até aqui, e que déla dimana a classificação das divérsas artes e aquizições concrétas, pela sua subordinação às respetivas siências abstratas déssa escala teórica.

Tal é o dógma de nóssa religião. Ele compreende todas as contemplações humanas, verdadeiramente úteis, desde o teorema mais simples de aritmética até as mais sublimes concepções relativas à nóssa natureza e ao nósso destino.

*
* *

O Regímen tem a atividade por domínio. Com os esclarecimentos fornecidos pelo dógma e sob o impulso dos sentimentos fomentados no culto, o hômem institúi a sua própria providência: realiza o bem, organiza a sociedade e modifica o planeta.

Nace então a Política em sua acepção mais elevada e ampla, como a arte de dirigir o hômem e a sociedade pelo módo mais apropozitado para realizar em sua plenitude a mássima *Viver para ôutrem*. Éla compreende não só o governo temporal, limitado aos atos, e o governo espiritual que procura modificar o hômem falando-lhe à inteligência e ao coração, mas abrange tambem sob o primeiro aspéto, as múltiplas e variadas modificações do nósso planeta que constituem a Indústria. A ezecução das régras técnicas, porém, que ésta ezige em suas operações especiais saem fóra do domínio diretamente religiozo. E' matéria que compéte pela sua natureza aos divérsos graus do governo temporal. A religião apenas intervem alí, ou fornecendo pelo seu dógma a baze dos procéssos industriais conhecidos ou nóvos, ou, principalmente, para manter a harmonia geral no meio déssa diversidade de ofícios particulares.

Com ésta restrição, o regímen divide-se necessariamente em pessoal, doméstico e público, confórme dis respeito ao governo religiozo do indivíduo, da família e da sociedade. Toda a moral prática acha aqui o seu vasto campo de aplicação.

Vizando continuamente ao progrésso, como o dógma à órdem, e o culto ao amor, ésta parte da religião rezume-se naturalmente na prática dos deveres que lígão o hômem à Família, à Patria e à Humanidade.

O regímen é por este módo a pedra de tóque da vida verdadeiramente piedóza, porque si o culto cria as dispozições intérnas, si o dógma nos ensina os meios, só ao regímen compéte a ezecução.

Assim se complétão e combínão as tres partes em que se divide o domínio da religião. Mas nésta gerarquia ternária a precedência e supremacia compéte ao culto, porque ele é que fornéce o princípio coordenador que só póde dimanar do sentimento. Si o dógma e o regímen nos são indispensáveis, e o serão sempre, embóra o progrésso consista em aumentar, de um lado, a intervenção do culto, diminuindo, do outro, a participação das outras duas partes; si, digo, o dógma e o regímen são indispensáveis, provem isto das nóssas necessidades materiais, das condições imperfeitas de nóssa natureza e do mundo que nos obrígão a estudar analiticamente a órdem esterior afim de modificá-la em nósso proveito. Si fosse possível suprimir taís contingências, a vida humana se concentraria esclusivamente no coração e a

religião ficaria reduzida ao só culto. Ésta utopia, cuja realização os poétas supozérão no passado remóto de nóssa espécie, sob o nome de idade de ouro, não déve deixar por isso de constituir a méta dos nóssos esfórços, o ideal etérno da felicidade humana.

Seja como for, as tres partes da religião são imprecindíveis. Élas se áchão perfeitamente consubstanciadas na fórmula sagrada do Pozitivismo, na qual o primeiro membro — *Amor por princípio* — corresponde ao Culto, o segundo — *A órdem por baze* — corresponde ao Dógma, e o terceiro — *O progrésso por fim* — corresponde ao Regímen.

Por onde se vê claramente que a esplicação conveniente désta fórmula é nada menos do que o dezenvolvimento da teoria completa da riligião. E' o rezumo do que é e ao mesmo tempo o programa do que déve ser.

De fato, as fórmulas devidamente construidas, longe de constituírem méras puerilidades, como se afigura aos espíritos superficiais e indiciplinados, são pelo contrário instituições da mais alta importância e da maior eficácia.

*
* *

Não basta, porém, a ezistência de um corpo de doutrina para rezolver o problema religiozo. Ao lado da doutrina é necessário o intérprete que a ensine, aplique e dezenvolva. Este intérprete é o sacerdócio. *Nenhuma sociedade se póde conservar e dezenvolver sem um sacerdócio qualquér*: tal é o assioma fundamental que a sociologia demonstra, depois de ter provado que *nenhuma sociedade eziste sem governo*. O espetáculo histórico o verifica, e o estudo pozitivo da organização social o compróva. *Não ha função sem órgão*, princípio este que não pertence só à vitalidade individual, mas sobretudo ao organismo coletivo.

O sacerdócio é, pois, o órgão sistemático de uma função social, que se rezume na *educação*. Deste ofício derívão todos os outros que lhe compétem, como poder *conselheiro*, *consagrador*, *regulador* e *juís*. Pelo *ensino* ele distribúi a todos, sem prerogativas de sexo, nem de condição, o ensinamento universal; pela *prédica* ele lembra continuamente os princípios auridos nessa iniciação teórica, afim de manter a harmonia social, no

meio das tendências divergentes de cada indivíduo; pelo *conselho* ele modifica e dirige a conduta do hômem e da sociedade; pela *consagração* ele santifica todas as funções votando-as ao serviço da Humanidade; como *regulador* ele dissipa e modéra os conflitos entre os superiores e inferiores pela confiança que naturalmente inspira a todos; como *juís* pronuncia a sentença que incorpóra o agente humano na grande ezistência coletiva.

A ele pertence tambem a prezidência do culto, como órgão dos sentimentos comuns e intérprete da fé.

Tal é em rezumo a incomparável missão do sacerdócio.

* *

Não é tudo aínda. Reconhecer abstratamente a necessidade de uma religião tendo por baze a siência e por princípio central o dógma da Humanidade, admitir a condição de um órgão sistemático, é apenas o preâmbulo. Cumpre dar fórma e corpo às manifestações religiózas, sistematizando a prática depois de ter estabelecido a teoria.

Foi o que fês Augusto Comte nas divérsas fórmulas cerimônias, prescrições, concepções e instituições, por meio das quais deu à sua óbra o caráter de uma verdadeira religião. Sem ésta segunda parte, a nóssa doutrina teria ficado em uma esterilidade incapás de realizar o fim de toda coordenação religióza: *regular* e *congregar os hômens*.

Chamo a atenção dos nóssos confrades para este ponto, porque atualmente o Pozitivismo atravéssa uma crize caraterizada pela pretenção de um grande número de falsos dicípulos, verdadeiros intruzos, que tendo já chegado à compreensão de uma religião fóra da teologia, recúzão-se, contudo, a aceitar o sistema de instituições intelectuais, morais e práticas em que Augusto Comte moldou, por assim dizer, a nóssa fé. Ésta oposição manifésta-se sobretudo contra cértas concepções mais ouzadas do gênio do Méstre, isto é, que mais ofendem os preconceitos correntes, e contra os preceitos precizos com que ele regulamentou a vida humana, isto é, a parte que tem contra si o egoismo de cada um. Por uma incoerência só digna de quem aínda consérva, sob um

ligeiro vernís pozitivista, um fundo radicalmente revolucionário, proclâmão a indiscutível competência de Augusto Comte no que eles já pódem assimilar, lançando a suspeição sobre o mais, e, até, com inaudita prezunção, rejeitando e procurando confutar cértas porções da óbra do nósso Méstre.

Estes quérem reduzir o Pozitivismo a uma situação análoga à desse deismo vago, tão comum hoje no Ocidente, em que cada um prezume acreditar em Deus pela revelação da própria conciência, negando a eficácia de todas as instituições religiózas, e sem que éssa crença em um ente superior que cada um fabrica a seu módo, tenha a mais léve reação sobre a vida pública ou privada.

O mal que assinalo lavra hoje com grande intensidade nos agregados heterogêneos de Paris, Londres e Stockholmo, que reconhécem aínda a direção do sofista que pretende continuar Augusto Comte adulterando-lhe a doutrina e arrenegando-lhe os preceitos. Aqui mesmo no Brazil não são poucos os que se dízem adéptos do Pozitivismo por este módo, conquanto destituidos de toda ação social.

E' ésta a terceira crize por que tem passado a nóssa religião. A primeira foi sucitada pela guérra desleal e torpe que os sientistas movêrão contra o fundador da filozofia que devia dar o gólpe de mórte no especialismo empírico e dissolver a pedantocracia. Ésta luta foi mais grave porque tendeu nada menos do que a reduzir o nósso Méstre ao silêncio pelas privações, pela mizéria, de que só foi salvo pela dedicação dos seus dicípulos.

A segunda crize, si bem que preparada aínda em vida de Augusto Comte, só arrebentou depois de sua mórte. Esperárão pacientemente que a louza do sepulcro cobrisse o grande hômem, para realizárem o satânico plano, urdído com a trama de todas as paixões ruins. Consistiu este em dezacreditar a fundação religióza em nome da coordenação filozófica, em proclamar que aquéla estava em contradição com ésta, aberrava do método pozitivo; e como precizassem de dar uma esplicação de tão grande e espantóza quéda, não hezitárão em propalar a calúnia de que similhantes concepções érão o parto de uma loucura.

Désta revólta dos que se chamárão pozitivistas intelectuais, sem que por isso fossem, no dizer de Augusto

Comte, mais inteligentes que os outros, fôrão principais reprezentantes Littré, em França e Stuart Mill, na Inglatérra. No primeiro a luta tomou um caráter mais encarniçado, porque, aliado à indigna viuva e tendo antigas feridas de amor próprio a vingar, lançou mão de todos os meios para destruir a óbra religióza do Méstre, desconjuntar-lhe a doutrina e nodoar-lhe a memória.

Agóra atravessamos uma terceira crize. Já não se pretende mais que a teoria pozitiva da religião esteja em contradição com a filozofia pozitiva, quér-se, porém, estacar aí e deixar a cada um a faculdade de discutir e rejeitar as construções efetuadas por Augusto Comte sobre éssa dupla baze. Em uma palavra: intenta-se introduzir no Pozitivismo o dógma protestante do *livre exame* e instituir cada um em árbitro supremo da verdade.

Estou firmemente convencido que venceremos ésta terceira revólta, como fôrão sufocadas as duas primeiras. Em todo o cazo éla obriga-nos a velar continuamente sobre o depózito sagrado confiado pelo Méstre à fidelidade dos seus dignos discípulos, aos quais cumpre, segundo a espressão judaica, formar em torno da doutrina uma ala impenetrável à herezia e à impiedade.

*
* *

Mas dizia eu que não bastava a determinação abstrata da baze e do princípio da nóva religião, cumpria ainda dar-lhe vida, animando-a por meio de instituições e preceitos que dirigíssem de fato a conduta humana. Disse tambem que Augusto Comte realizou a parte essencial de similhante taréfa, mas a mórte prematura que nô-lo arrebatou aos 59 anos, deixou ainda muito por fazer, sobretudo no que dís respeito ao culto. E' assim que a liturgia pozitivista está ainda por criar, exigindo similhante criação uma cabeça não menos filozófica que estética. Além de que o culto público carece de condições esteriores, que ainda nos são desfavoráveis.

Seja como fôr, tirante ésta parte litúrgica, deixou-nos o culto suficientemente elaborado em seus tres graus sucessivos.

Ensinou-nos as régras da oração, rezumo do culto íntimo; estabeleceu o sistema compléto das féstas sociolátricas, figurado em dois calendários, e, finalmente, deixou-nos creada e esplicada a parte principal do culto doméstico, isto é, os sacramentos sociais.

*
* *

O culto doméstico institúi, à similhança do culto íntimo, uma adoração assídua dos tipos comuns a toda a família e póde aplicar tambem a ésta associação elementar as invocações coletivas que o culto público endereça à Humanidade. A eficácia déstas duas órdens de práticas religiózas, sob a prezidência espontânea do chéfe de família, não póde ser pósta em dúvida.

Mas isto não basta para imprimir ao nósso culto doméstico um caráter verdadeiramente distinto, que o estreme dos outros dois aos quais déve ele servir de intermediário.

Ésta condição necessária é preenchida pela instituição dos sacramentos sociais que distínguem profundamente o culto doméstico do íntimo e público, ao passo que lhes fornéce uma tranzição natural.

A vida de cada um de nós não interéssa sómente a nós mesmos ou à nóssa família; a Pátria e a Humanidade precízão intervir oportunamente, pelos seus órgãos respetivos, para consagrárem as fazes principais de nóssa ezistência.

Decórrem daí duas séries mais ou menos correlativas de instituições, uma civil, outra religióza, que têm por objéto reconhecer e definir solenemente o laço que prende o cidadão à Pátria e o crente à Igreja.

Os registros civis de nacimento, o cazamento civil, a investidura das funções cívicas, por parte do governo temporal, pertencem à primeira classe. Os sacramentos constituem a série religióza. Só falarei destes aqui, mas devo assinalar o caráter principal que distingue uma série da outra. Ao passo que os atos determinados pela primeira são por sua natureza obrigatórios e rezúltão de dispozições legais, os atos religiózos são inteiramente livres, são matéria de crença, alheios da interferência da lei e que só dizem respeito aos fieis e seus ministros.

*
* *

Os sacramentos, segundo a definição de Augusto Comte, têm por fim consagrar todas as fazes sucessivas da ezistência privada, ligando cada uma délas à vida pública. Em uma palavra, estabelécem a reação necessária désta sobre aquéla.

Não é necessário refletir muito, quando se ezamínão as condições da organização social, para reconhecer-se a utilidade imprecindível dos sacramentos. Eles subordínão o conjunto de nóssa vida privada ao serviço coletivo, apertando o laço que nos prende ao Ente Supremo e lembrando-nos em ocaziões apropriadas a soma dos nóssos deveres. E' a manifestação solene desse atributo que distingue a nóssa espécie, realçando-lhe a dignidade sem par, e em virtude da qual o hômem reconhéce livremente a lei do dever. Pôr deliberadamente limites ao próprio egoismo, solicitando a investidura social das funções que ezercemos, e proclamando, perante o intérprete comum e os fiéis congregados, que élas dévem ter por único alvo o bem público, tal é em substância o fim déstas consagrações.

Por isso não ha ezemplo de religião sem sacramentos. Todas procurárão santificar a seu módo e segundo a natureza das crenças respetivas, as fazes de nóssa ezistência privada, por uma série, mais ou menos completa, mais ou menos empírica, de ceremônias particulares. Nenhuma deixou de acompanhar o crente no decurso de sua vida, desde o berço até o túmulo, para lhe lembrar em cada nóva faze as relações especiais que vão prendê-lo daí por diante ao Poder Superior por todos reconhecido e acatado.

Um sacramento, de fato, encérra duas idéas fundamentais intimamente conexas: a de um compromisso solene de cumprir os deveres relativos a uma cérta faze de nóssa vida e a consagração dessa faze ao serviço do Ser que tudo coordena. Na significação pozitiva da palavra devemos, pois, fundir as duas acepções primitivas de *juramento* e de *consagração* que esse vocábulo tomou, óra na antiga Roma, óra na linguágem dos livros sagrados da última fé provizória.

E' quazi inútil dizer que os sacramentos teológicos só indiretamente vizárão o fim social. Fôrão concebidos como operações misteriózas, sobrenaturais, que realizávão-se na ocazião em que o sacerdóte proferia as palavras sacramentais. Érão um sinal sensível que

produzia, pela intervenção diréta da divindade, um cérto número de efeitos. A verdade é que debaixo de todo este parazitismo teológico, a instituição tinha raizes humanas e frutos morais verdadeiros e úteis.

*
* *

São nóve os sacramentos no Pozitivismo. Enunciar o objéto de cada um deles é justificá-los.

O primeiro é o da *Apresentação,* que hoje vai ser conferido aqui, e que tem por fim consagrar o nacimento de cada novo rebento da Humanidade. Dele me ocuparei com mais vagar daqui ha pouco. O segundo é o da *Iniciação,* assinala a época em que o menino, depois de ter recebido em caza, sob a superintendência matérna, a educação da faze anterior, encéta aos 14 anos a sua preparação teórica, sob a direção do sacerdócio. O terceiro é o da *Admissão,* marca o termo dos estudos sientíficos e abre ao moço de 21 anos o serviço da Humanidade. O quarto é o da *Destinação,* em que o cidadão, aos 28 anos, tendo escolhido definitivamente o seu offício, vem pedir ao sacerdócio a consagração de sua função. Depois segue-se o quinto sacramento, o do *Matrimônio,* santificando a união fundamental que institúi a Família. O sesto consagra aos 42 anos a completa *Madureza* do hômem. No sétimo, o da *Apozentação,* o vélho servidor vem aos 63 anos abdicar voluntariamente o ezercício ativo de sua função, para dedicar-se daí por diante ao papel que compéte ao ancião, conhecendo à Família e à Pátria os conselhos inspirados pela sua prática, *por um saber só de esperiências feito,* como disse o poéta. O oitavo é o sacramento da *Transformação,* assim chamado porque prezide à mórte, que transfórma a nóssa ezistência de objetiva em subjetiva, isto é, passamos então a viver só na memória dos que ficão e nos rezultados que a nóssa atividade deixou à sociedade. Finalmente, séte anos depois da mórte, a *Incorporação,* remata esta consagração sucessiva da vida privada de cada crente, pronunciando si os seus serviços o tornárão dígno ou não de ser etérnamente incorporado ao Grande Ente. E' a generalização sistemática daquéla ceremônia observada por Heródoto no Egito e na qual o secardócio désta venerável teocracia julgava os reis depois de mórtos.

Ésta série é comum aos dois sexos, com uma restrição, porém, relativamente à mulhér, que, em virtude da uniformidade e da perzistência de sua função dispensa o sacramento da *Destinação* e os dois que se séguem ao do *Matrimônio*.

*
* *

No catolicismo romano, que é a religião teológica mais compléta e aquéla a que nos filiamos diretamente, os sacramentos são em número de séte, a saber: o Batismo, a Confirmação, a Eucaristia, a Panitência, a Estrema Unção, a Órdem e o Matrimônio. Não ha uma inteira correspondência entre todos os termos désta série e os da série pozitivista. Ésta é mais compléta e sistemática, aquéla insuficiente na estensão e construída empiricamente. Por outro lado, já vimos que o carater social dos sacramentos teológicos é indiréto; a concepção que a eles prezide bazeia-se, como é óbvio, em uma influência mística, estra-mundana, transmitindo uma graça especial. Entretanto, póde-se assinalar uma correspondência entre os termos mais caraterísticos da série católica e alguns dos nóssos. Assim o Batismo corresponde à *Aprezentação;* o da *Iniciação* lembra de alguim módo o da Confirmação; no *Matrimônio* a coincidência é perfeita. A Estrema Unção tem o seu equivalente no 8º sacramento pozitivista. A Órdem é a nóssa *Destinação,* porém restrita ao ofício sacerdotal. Finalmente, só a *Penitência* não tem o seu correlativo em nóssa religião, como sacramento: como fato e função espiritual entra dentro do ministério de consulta e conselho que o sacerdócio ezérce sempre para com os fiéis. Quanto à *Encaristia* ele não constitúi propriamente um sacramento, na acepção regenerada da palavra, mas o sublime rezumo da religião católica. Compreendida assim tem o Pozitivismo na ouzada utopia da Virgem-Mãi o equivalente da concepção católica.

Tomei de preferência o catolicismo para ésta comparação por ser ele a orígem de onde saimos, mas este cotejo poderia ser estendido a todas as fés anteriores e nélas veriamos instituições similhantes, já caraterizadas ou aínda em gérmen.

Vê-se assim o caráter profundamente orgânico do Pozitivismo que estabeléce com o Passado uma continuidade admirável, podendo-se dizer com verdade de que ele não é mais do que o *regenerador sientífico* de todos os rezultados assimiláveis obtidos e transmitidos pelas síntezes que o precedêrão.

*
* *

Deixando agóra a série dos nóve sacramentos pozitivistas, consideremos especialmente o primeiro, objéto désta reunião.

O sacramento da *Aprezentação,* como já foi dito, tem por fim consagrar o nacimento. Votando o recem-nacido ao serviço contínuo do Grande Ser, invéste a dupla família que o aprezenta ao sacerdócio, pais e padrinhos, do augusto ofício que lhes compéte dezempenhar junto dele.

No passado, enquanto prevaleceu a atividade guerreira, os recem-nacidos érão geralmente sacrificados quando uma imperfeição física os inabilitava para éssa cooperação. E' assim, para lembrar um ezemplo clássico, que em Esparta imperava este costume.

Porém, a civilização modérna permitindo o aproveitamento de todas as organizações, só em cazos muito escepcionais poderia o sacerdócio recuzar a *Aprezentação.*

Contudo, este sacramento póde ser adiado si os pais naturais e artificiais não oferecerem suficientes garantias.

Vimos já que a ésta ceremônia corresponde o Batismo católico, neste sentido de que ambos os sacramentos conságrão o nacimento e instituem a proteção devida à criança. No mais diférem tanto quanto póde diferir uma criação teológica de uma concepção pozitiva. Para o católico o batismo é a operação mística, o sinal sensível de que a criança libérta-se da culpa do pecado original, pela graça de Jesus-Cristo, renacendo à vida espiritual, sem contudo libertá-la das consequências désta primeira falta, com que se procurou esplicar a ezistência do mal.

Para nós não ha aqui nenhuma, ação sobrenatural, é uma ceremônia, como ficou definida, instituida para fins puramente humanos e por motivos de órdem social e moral, alheios a todo mistério inesplicável. E' a aprezentação do futuro servidor da Humanidade, pela Família, para ésta tomar o compromisso sagrado de pre-

pará-lo de um módo digno, físicа, intelectual e moralmente para esse serviço. O que póde aí haver de contrário aos sãos ditames da inteligência? Pelo contrário, não só o sentimento nos móve a reconhecer a eficácia de similhante consagração, mas a razão esclarecida nos demonstra a sua necessidade.

Seria aqui ocazião de dezenvolver as instruções relativas ao ezercício da função que os pais e os padrinhos são chamados a dezempenhar junto do menino. Normalmente, até, será ésta parte a principal de uma tal solenidade. Porém, de um lado, o difícil do assunto parége-me superior às minhas forças de hoje; de outro lado, no cazo atual, atendendo à família que é, julgo-me dispensado de entrar em particularidades, tão conhecidas dos pais e dos padrinhos, como o pódem ser por mim ou talvês mais. Lembrarei, apenas, para não ser de todo omisso neste ponto importante, que a educação do menino déve inspirar-se sempre no princípio fundamental que subordina continuamente a vida privada à vida pública.

Supondo conhecidas as ezigências da função patérna e a dos padrinhos, preferirei, visto a novidade déstas ceremônias, insistir sobre a esplicação de cértas partes complementares.

*
* *

Falei ha pouco em padrinhos. De fato, o Pozitivismo consérva e sistematiza este felís complemento introduzido pelo Catolicismo. Um par artificial completa as garantias oferecidas pelos pais, comprometendo-se a aussiliar o ofício destes e a oferecer, na falta deles, uma proteção espiritual e mesmo temporal ao afilhado. E' inútil demorar-me nas vantágens désta instituição. As próprias queixas que todos os dias ouvimos em torno de nós, sobre a degeneração em que caiu similhante investidura, móstra bem a urgência de regenerá-la.

O costume é de orígem católica, como disse. No princípio os padrinhos não tínhão número fixo e érão antes simples fiadores (*sponsores*) da fé do convertido, em geral adulto, que pedia o batismo.

Depois, quando o batismo se tornou geral para as crianças, os padrinhos tomárão o caráter de protetores e colaboradores dos pais, sendo o seu número fixado

em dois, um hômem e uma mulhér, *unus et una*, como dís o Concílio de Trento.

De módo que no batismo católico os padrinhos não são simples portadores da criança, nem méras testemunhas; eles aí contráem deveres definidos em relação ao afilhado, respondendo por este perante a igreja, obrigando-se a velar pela sua instrução religióza e a tomá-lo sobre si na falta dos pais. E' por isto que sempre fui de opinião que nós os pozitivistas não deviamos figurar como padrinhos na ceremônia católica, porque éra tomar um compromisso que de ante mão sabiamos não poder cumprir na parte importante que se refére à instrução na fé católica.

Aliás o fato só se póde dar por negligência do sacerdócio respetivo, pois os canones são bem sevéros a este respeito, estatuindo a escluzão de todo aquele que não for bom católico.

A última fé provizória assimilando completamente ésta paternidade artificial à natural, deduziu daí um impedimento que óbsta ao laço conjugal entre qualquér dos padrinhos e o afilhado de um lado e entre aqueles e os pais do outro. Ésta segunda consequência de uma dígna assimilação decórre evidentemente no Pozitivismo da lei da viuvês etérna, mas a primeira déve ser igualmente aceita por nós, conquanto o nósso Méstre nada tenha dito sobre este particular.

Deixando à márgem os motivos físicos, os únicos que costúmão ser invocados fóra da religião, para condenar os cazamentos entre parentes, para nós duas órdens de considerações determínão, sem réplica possivel, similhantes impedimentos. Consta uma de motivos políticos, em virtude dos quais se demonstra a necessidade de dar a mássima estensão às alianças entre as famílias e ao mesmo tempo a de evitar os perigos de uma concentração contrária. A outra encérra motivos morais, segundo os quais devemos tender a aumentar, cada vês mais, os cazos de relações puras e dezinteressadas entre os dois sexos. Este ponto de vista novo pelo qual encaramos a questão, ao passo que justifica e patenteia a sabiduria dos antigos sacerdócios e legisladores quando instituírão tais impedimentos, permite ainda estender mais facilmente o mesmo princípio aos laços de parentesco artificial como aquele que se origina entre o afilhado e os padrinhos.

Na minha humilde opinião e salvo milhór juizo, acho, pois, que ainda neste cazo devemos conservar tambem o impedimento católico.

Finalmente, afim de rodear a criança de todas as garantías sociais, o Pozitivismo associa aos deveres dos pais e padrinhos as testemunhas da ceremônia, recebendo délas o compromisso assinado de suprírem a insuficiência eventual dos protetores especiais.

O futuro servidor é assim o objéto de uma solicitude previdente, que raras vezes o deixará dezamparado. Todos sentem por este módo que éssa criança não é propriedade escluziva da família que a gerou, mas que o seu destino a todos interéssa como filho da Humanidade.

*
* *

Outra instituição devida ao catolicismo e que o Pozitivismo consagra, dezenvólve e compléta, é a dos *prenomes* ou nomes de batismo, como vulgarmente se dís.

Acho que se déve restaurar em nóssa língua o uzo da palavra *prenome*, de orígem latina, para sagnificar, como em francês, o nome dado à criança e que déve preceder o nome de família. A palavra nome é demaziado geral para este fim e a espressão *nome de batismo*, péca pelo ecésso contrário, referindo-se à ceremônia de uma religião particular. Poderiamos tambem dizer *nome de aprezentação*, e talvês ésta denominação prevaleça no futuro, mas atualmente teria o inconveniente de ficar restrita aos que recebêrão o respetivo sacramento. Seja como for, eu empregarei a palavra *prenome*.

No princípio os nomes que os hômens adotárão érão tirados de uma circunstância pessoal, de um acidente qualquér, particularíssimo. Érão verdadeiras alcunhas. Na Grécia os nomes érão assim absolutamente individuais, seguidos apenas da filiação. Dizia-se, por ezemplo, Alexandre, filho de Filipe.

Os Romanos, porém, sistematizárão dignamente o sistema de apelação do hômem, juntando a um primeiro nome, *prænomen*, outro que indicava a família, a *gens*, o que hoje chamamos sobrenome, ou milhór, apelido.

Privilégio do patriciado no começo, este costume generalizou-se cada vês mais, e, finalmente, tornou-se universal no Ocidente.

O catolicismo chamou a si a instituição dos prenomes, organizando um repertório de apelações tiradas dos seus santos e mártires e fazendo coincidir a impozição do nome com o batismo. Os padrinhos e os pais escólhem o nome que déve ser sempre o de um personágem do calendário, o qual sirva ao menino de patrono, de protetor, e tambem de padrão, de modelo, confórme a felís anfibologia da palavra franceza.

O Pozitivismo alargando e sistematizando a inspiração católica, estabeléce que a criança receberá no ato da Aprezentação, da dupla família que o aprezenta, dois nomes, escolhidos avizadamente dentre os reprezentantes sagrados da Humanidade, inscritos no nósso calendário. São dois, porque um déve ser tipo teórico e o outro prático, de módo a atender assim à divizão fundamental que eziste entre as aptidões humanas.

Mais tarde, por ocazião de emancipar-se, o novo cidadão escólhe um terceiro prenome, que rezuma definitivamente a sua verdadeira vocação.

Ésta influência subjetiva dos prenomes e dos tipos que eles evócão é enorme, sendo contínua fonte de ensino e estímulo, primeiro para os que dirígem a preparação do cidadão e depois para este em todo o decurso de sua vida. Esses nomes são verdadeiros programas que é nósso dever procurar realizar tanto quanto depender de nóssas forças.

Eis porque julgo de grande utilidade completar as esplicações precedentes, apreciando rapidamente os patronos escolhidos para a criança que é hoje aprezentada, e que são S. Cipriano e Godofredo de Bouillon.

*
* *

S. Cipriano, bispo e mártir, é um tipo sacerdotal e é evidente que este caráter o colóca desde lógo entre os teóricos. Mas ele teve uma parte muito importante na construção do dógma católico e no estabelecimento da diciplina ecleziástica, e é por isso que foi inscrito por Augusto Comte na semana do mês de S. Paulo, prezidida por Santo Agostinho. Foi bispo de Cartago e a sua vida prolonga-se de 200 a 258 anos depois da éra

vulgar. Quér isto dizer que floreceu quando o catolicismo entrando apenas no terceiro século, ainda estava no seu período de gestação e de propaganda. Constantino não fizéra ainda da nóva Igreja uma instituição política do Império. Pelo contrário, os seus antecessores no sólio imperial ainda mantinhão editos sevéros contra os nóvos sectários e contra eles dirigião às vezes cruéis perseguições.

S. Cipriano, filho de nóbre família, recebeu uma educação esmerada, dedicando-se à carreira das letras. Adversário primeiramente déssa religião que surgira de um canto da Judéa, mas que lavrava já por todo o império, não pôde escapar à fatalidade que léva os grandes hômens a concorrerem para a solução dos problemas impostos à sua época pela evolução social. Fês-se católico, entrou para o sacerdócio e pouco depois foi eleito bispo de sua cidade natal. Natureza ardente e devorada de zelo sociocrático, inteligência vigoróza e ostentando a rara combinação de uma energia de férro com uma consumada prudência, servida por uma perseverança incansável, foi o tipo do pastor de almas, solícito, penetrante, suave e eloqüente. Os tempos érão difíceis e a mitra não éra então cômoda nem segura sinecura. A liberdade e a vida dos prelados estávão continuamente espóstas aos furores da multidão ou à severidade dos magistrados. Em mais de uma ocazião viu-se S. Cipriano sob a ameaça iminente de morrer às garras dos liões ou sob o cutélo da lei. Da primeira vês foi compelido a deixar Cartago e a procurar um azilo seguro contra os seus inimigos. Julgou que éra de seu dever resguardar ainda os seus dias para bem de seus fiéis e de sua igreja. Condenado depois ao ezílio em Curubis, nem por isso abdicou o seu sagrado ministério e daí mesmo dirigia a sua igreja e correspondia-se com seus colégas. A sua reputação de saber e virtude aumentava cada dia e estendia-se muito além de sua diocéze. As suas epístolas atéstão-nos quanto éra consultado sobre pontos difíceis de doutrina e de diciplina e quão acatada éra a sua autoridade.

Nesse tempo a supremacia do bispo de Roma ainda não éra um fato. Esse justo predomínio éra ainda reconhecido de um módo muito vago e incérto, e a organização do poder papal, tal como foi realizada depois, para o bem de nóssa espécie, estava ainda em embrião. Désta situação rezultava que a autoridade individual de cada bispo éra considerável, e ainda muito mais, a ponto de eclipsar completamente o de Roma, quando a função episcopal era ezercida por hômens do estalão de S. Cipriano. Demais, esse complicadíssimo edifício do dógma católico, cujos alicérces fôrão lançados por S. Paulo em suas imortais epístolas, ainda estava em via de construção e não podia, portanto, oferecer néssa época o aspéto de um monumento inteiriço e acabado.

Éstas circunstâncias esplícão a polêmica um tanto veemente sustentada por S. Cipriano contra o papa Santo Estêvão, sobre a célebre questão si se devia ou não rebatizar os heréjes que voltávão ao grêmio da igreja, defendendo ele a afirmativa.

Em compensação, o bispo de Cartago concorreu poderozamente para a unidade católica, fazendo sobresair a necessidade de fundá-la sobre a unidade da doutrina e sobre a convergência do episcopado.

Terrível adversário das herezias que por esse tempo pululávão no seio da igreja, foi, contudo, zelozo partidário da indulgência na questão dos *lapsi*, dos caídos, isto é, daqueles que tendo renegado a fé diante dos rigores legais voltávão arrependidos ao grêmio católico.

Os *heréjes* e os *lapsi* são de todos os tempos e de todas as religiões, e na conduta de S. Cipriano temos um duplo ezemplo de zelo sevéro em guardar intata a fé comum e de acolhimento generozo para com os que resgáltão um momento de fraqueza com as dôres da contrição.

Afinal a intolerância imperial ezigiu a vida do santo bispo. Désta vês ele compreendeu que tendo já preenchido suficientemente a sua missão, cumpria-lhe dar o ezemplo de morrer pelas suas convicções. E assim padeceu o gloriozo martírio com a corágem e a rezignação de um verdadeiro sacerdóte. Aconteceu isto na chamada oitava perseguição, governando os imperadores Valeriano e Galieno.

Na meditação désta ezistência votada inteiramente ao serviço da Humanidade, através de crenças provizórias, muitos nóbres e salutáres ezemplos aprenderá o infante que hoje é aprezentado. O modelo é tanto mais adaptável quanto ainda estamos tambem no período de instalação de nóssa fé, em que precizamos não só de todas as virtudes que S. Cipriano ostentou na defeza de sua religião e no heroismo com que soube morrer

por éla, mas sobretudo em que havemos mistér de vocações verdadeiramente capazes de constituírem o novo sacerdócio.

*
* *

O outro patrono da criança é um tipo prático, cavalheiro, general e estadista. O seu nome rezume a grande empreza das Cruzadas, porque foi ele que capitaneou a primeira em fins do século XI. Aqui o catolicismo não está mais, como no século de S. Cipriano, em seu ezórdio; pelo contrário, estamos em plena eflorecência católica, no período áureo da Igreja da Idade Média. Mais alguns anos e o mundo ocidental produzirá éssa maravilha humana que se chamou S. Bernardo e que marca o apogeu do catolicismo, seguido lógo após de irremediável decadência.

Concebidas pelo incomparável Hildebrando e realizadas pelos seus sucessores, éssas espedições militares, a que se deu o nome de cruzadas, sob o pretesto aparente de resgatárem o sepulcro de um fundador subjetivo, reprezêntão a última faze da luta travada pelos dois monoteismos, católico e muzulmano, na qual a atitude defensiva do primeiro transformou-se em agressão diréta no domínio do segundo.

As reações benéficas déstas emprezas fôrão do mais alto valor, quér pelas modificações favoráveis que determinárão na situação intérna do Ocidente, melhorando muito a sociedade feudal, quér pela coezão que imprimiu à república ocidental, fazendo concorrer a um destino comum os divérsos elementos que a compõem, quér, finalmente, por todos os rezultados morais, intelectuais e práticos que produziu o contato com as populações do Oriente.

O fim ostensivo não foi obtido: os dois monoteismos neutralizárão-se, não conseguindo nenhum deles sobrepujar o seu adversário, e o sepulcro de Cristo aínda lá permanéce sob o poder muzulmano. Mas este rezultado negativo foi aínda de grande preço, porque ele veio tornar patente o esgotamento das religiões respetivas. Ambas estacárão defronte uma da outra, e a dezorganização intérna se apoderou délas.

O nome glorioso de Godofredo lembra tudo isso que devemos às Cruzadas; e ao mesmo tempo rezume a

cavalaria medieval, déssa cavalaria admirável que instituiu a adoração da mulhér, o culto da honra, a proteção dos fracos e a defeza dos oprimidos.

Como esses tempos nos súrgem na memória cheios de prestigioso encanto! Dir-se-ia que esperimentamos uma reminicência saudóza, que não é outra couza sinão o anelo das nóssas aspirações de hoje que veem no passado o esboço do que promete o futuro! Séculos de fervor religioso, de unidade de fé, de nóbre devotamento, do consórcio da liberdade e da submissão, não abandonamos o vósso etérno programa! Eis-nos aqui fiéis ao vósso ideal imperecível, aplicando ao serviço da cauza que nos legastes, meios que desconhecíeis e que nos garantem a consecução do almejado fim!

. . . . . .

Depois de ferir batalhas renidas e de tomar por assalto a Jeruzalem, Godofredo foi eleito soberano do novo e efêmero reino cristão que os Cruzados fundárão na Palestina. Um ano depois, em 1100, decia ao túmulo levando comsigo as afeições unânimes dos cristãos e dos próprios maometanos. Sua vida tão ativa quanto pura, tão cheia de rasgos de corágem como de conselho, justifica o que dele disse o seu imortal cantor:

Molto egli oprò col senno e con la mano

O seu nome, invariavelmente ligado aos de S. Paulo, Carlos Magno, Alfredo, Hildebrando e S. Bernardo, compléta a série sestimal em que se condênsão a evolução católica e o regímen feudal. As suas façanhas na guérra e na política, enquanto espérão pela apoteóze do culto público do futuro, já tivérão a recompensa dos cantos do Tasso.

Não precizamos menos de Godofredos do que de Ciprianos. A regeneração social caréce tanto do esforço teórico e da direção espiritual, como do devotamento cavalheirozo e do gênio político.

*
* *

Ao lado, porém, déstes reprezentantes etérnos do Grande Ser, devo tambem evocar a memória do patrono doméstico que determinou a escolha do primeiro nome. Refiro-me ao Dr. Cipriano de Carvalho.

Não tive a fortuna de conhecê-lo, mas as tradições que dele encontrei na família e nos estranhos habilitão-me a comemorar aqui os ezemplos de sua vida.

Médico habilíssimo, manifestou sempre um profundo sentimento do caráter sacerdotal de sua função. Muitas vezes tenho ouvido narrar o desgosto com que notava em torno de si a degeneração crecente de sua classe, roïda da muito pelo mercantilismo e afetada de um mal, então recente, e que hoje invadiu-a de todo — o especialismo.

Si ele tivésse vivido mais alguns anos, teria haurido no Pozitivismo a certeza de que éssa decadência éra passageira; teria aí fartamente satisfeito as suas nóbres aspirações que tendião instintivamente à reintegração da função médica no ofício sacerdotal, único meio de libertá-la da venalidade e de assegurar-lhe o dezenvolvimento de seu imprecindível caráter sintético.

Nas relações propriamente cívicas, foi o Dr. Cipriano sempre animado dos mais vivos sentimentos patrióticos, atestados pelos que soube inspirar à sua espoza e decendentes.

Não devo esquecer que lógo depois de concluidos os seus estudos, foi servir como médico no ezército que, sob o comando do veneráwel Caxias, se esforçava então de trazer de novo a província do Rio Grande do Sul á comunhão brazileira, da qual tentára separar-se prematuramente. Colaborou por este módo na óbra importantíssima, hoje pouco apreciada, da manutenção da órdem intérna e da integridade de uma unidade nacional que era aínda, e aínda o será por muito tempo, necessária aos destinos do Brazil.

As funções políticas, porém, nunca tivérão no Dr. Cipriano um aspirante. As condições especiais que o gafo sistema parlamentar cria para os pretendentes à influência política, não érão as mais próprias para tentárem um hômem de sua índole, simples, sincéro, destituido de facundia retórica e dedicado inteiramente à sua profissão. Costumava ele dizer que o médico devia ser só médico, o que éra um módo de esprimir a percepção instintiva que ele tinha de que ha funções que pela sua natureza e objéto são incompatíveis com o governo material da sociedade, presentimento este que ele veria tambem confirmado no Pozitivismo.

Ésta esclarecida e patriótica abstenção de uma carreira que hoje se considéra acessível a todos, e que déve ficar rezervada para os que possuem os predicados práticos que éla requér, mais raros do que se pensa, é aínda uma tradição que devemos recolher como um ensino salutar.

Na vida privada e como chéfe de família o Dr. Cipriano deixou as mais gratas recordações. Viúva, filhos e estranhos recórdão com entuziasmo a sua pureza d'alma, a sua dedicação pelos doentes e pelos amigos, a sua solicitude carinhóza pela numeróza família que fundára, os atrativos do seu trato, a amenidade de suas maneiras, nunca desmentida, mesmo quando secrêto desgosto o afligia.

Com tudo isto éra de caráter firme, e a sua firmeza tirava de seu coração magnânimo um reflexo tal de suavidade, que nos conflitos mais íntimos da vida parecia vencer sem que a vitória lhe custasse o mínimo esforço.

Afetado desde muito cedo de uma lezão cardíaca que ele mesmo verificára, apezar dos seus padecimentos que érão por vezes grandes e que ele procurava dissimular aos ólhos afetuozamente inquiridores da família, nunca deixou de cumprir com o mesmo zelo os deveres do seu sagrado ministério, podendo-se dizer dele como do soldado que sucumbe no campo da batalha, que morreu no seu posto.

Tal foi imperfeitamente apreciada a vida pública e privada do antepassado imediato, pelo lado matérno, do decendente que hoje consagramos.

A fantazia oriental imaginou que em torno do berço de um recemnacido congregárão-se as fadas do mundo encantado, para lhe oferecer à porfia os dons marivilhózos de seu mágico poder. Cada uma concedeu-lhe o atributo que competia à sua jurisdição: ésta o engenho, aquéla a saúde, est'outra a sabiduria, aquel'outra a corágem. O que a imaginação ideou com as fórmas peculiares do Oriente, o Pozitivismo realiza de um módo cérto e eficás. Em torno do berço do infante evocamos as memórias sagradas, públicas e domésticas, a cuja tutéla confiamos a precióza vergôntea. Como as fadas, e milhór do que élas, esses patronos veneráveis lhe

conferirão pelo ezemplo que deixárão o mágico influxo de suas virtudes. E' a essa santa custódia, aussiliada pelos esfórços de seus protetores objetivos, aqui prezentes, que entregamos o destino deste novo rebento de nóssa espécie.

E na fundada esperança de que ele venha a ser um dígno cooperador da prosperidade humana, ezultemos, e agradecidos digamos:

Graças vos sêjão dadas, Humanidade, Suprema Dispensadora de todos os bens, de quem nos reconhecemos feituras e sérvos, por mais este benefício que a vóssa santa providência e inesgotável bondade nos concédem. Póssa o vósso novo filho que hoje recebemos no seio da Igreja, ser um dia dígno da incorporação aos vóssos etérnos destinos, e seja ele para nós que trabalhamos para implantar o teu reino sobre a térra, um aussiliar poderozo e um lidador indefésso na luta pela regeneração humana.

CATALOGO DAS PUBLICAÇÕES DA IGREJA E APOSTOLADO POZITIVISTA DO BRAZIL

(ESTRATO)

1	Luis de Camoens. Appréciation du rôle historique du Portugal et de la vie et de l'ouvre du poète, par Miguel Lemos. 1880	5$000
4	Santa Tereza. Comemoração sumária, por Miguel Lemos. 1882 (8A, 2ª ed., aumentada. 1915)	$400
96	Indicações gerais sobre o Pozitivismo, por Henry Edger. Traduzidas por Miguel Lemos. 1885	1$000
93	Bazes de uma Constituição política, ditatorial federativa para a República Brazileira; por M. Lemos e R. T. Mendes. 1890. (2ª edição — 1934)	$500
110	A Bandeira nacional; por R. T. Mendes. 1889 (2ª edição — 1921)	1$000
120	Esboço biográfico de Benjamin Constant; por R. T. Mendes. 1892 (2ª edição — 1913)	8$000
133	Contra o divórcio; por M. Lemos. 1893...	$100
133	Exame da questão do divórcio; por R. Teixeira Mendes. 1893	1$000
165	Ensaio sobre a oração; por Jozé Lonchampt. Tradução. 1896	1$000
174	A ditadura republicana; por Jórge Lagarrigue. Tradução. 1897. Seguida da Menságem com que Bolívar aprezentou o seu projéto de Constituição ao Congrésso Constituinte da Bolívia	$900
176	As últimas concepções de Augusto Comte, ou ensaio de um complemento ao Catecismo Pozitivista; por R. T. Mendes. 1898	7$000
179	Biografia de Augusto Comte; por J. Lonchampt. Tradução e nótas de M. Lemos	5$000
183a	Hino à Mulher; por J. Mariano de Oliveira. 13ª ed. corrêta e aumentada. 1915	$600
190	O Calendário pozitivista. Indicações sobre a teoria pozitivista do Calendário; Por R. Teixeira Mendes	1$000
199	Uma vizita aos lugares santos do Pozitivismo; por R. T. Mendes. 1899.	4$000
201	Marina; por Luciano Biart (Uma página da história do México). Tradução. 1900..	$600
278	A Mulhér, sua preeminência social e moral, segundo os ensinos da verdadeira siência pozitiva. A solução da questão social. 3ª edição. 1931	2$000
215	O Culto Católico, (como o herdeiro das religiões anteriores e o precursor da Religião da Humanidade); por R. T. Mendes. 1903	3$000

OBRAS DE AUGUSTO COMTE

Système de philosophie positive — 6 vols. in 8°. Paris — 1830-1842.

The Positive Philosophy, freely translated and condensed by Harriet Martineau. 1853 — 2 vols. in 8°. — Tradução franceza por Avezac-Lavigne).

Géométrie analytique — Paris. 1843 — 1 vol. in 8°.

Traité philosophique d'astronomie populaire — Paris. 1844 — 1 vol. in 8°.

Système de Politique Positive ou Traité de Sociologie instituant la Religion de l'Humanité — 4 vols. in 8°. Paris — 1851-1854.

Catéchisme Positiviste — 1 vol. in 12 — Paris. 1852. Tradução portugueza e nótas por Miguel Lemos.

Appel aux conservateurs — 1 vol. — Paris. 1855. — Tradução portugueza e nótas por Miguel Lemos.

Synthèse Subjective — Tome 1er — Système de Logique Positive ou Traité de philosophie mathématique — 1 vol. in 8°. — Paris — 1856.

Testament, avec les documents qui s'y rapportent Prières quotidiennes. Confessions annuelles. Correspondance avec Mme. Clotilde de Vaux — 1 vol. in 8°.

Circulaires annuelles — 1 vol.

Essai sur la philosophie des Mathématiques — Brochura (1819-1820).

Lettres à Valat — 1 vol. in 8°.

Lettres à J. Stuart Mill (1841-1844) — 1 vol. in 8°.

Lettres à divers — 2 vols. in 8°.

Correspondance inèdite — 4 vols in 8°.

Lettres au Dr. Robinet et à sa famille — brochura.

Lettres inèdites à Blignières — 1 vol.

Lettres et fragments de lettres — 1 vol.